



**GD SESIMBRA
REDOBRA AMBIÇÃO NO
FUTEBOL DE PRAIA**

Pág. 10

**"MÊS DA MÚSICA"
ANIMA CONCELHO
DE PALMELA**

Pág. 12



**DESTINOS
VIAGEM ÀS TRADIÇÕES
GASTRONÓMICAS DE ELVAS**

Pág. 14



+ Região

Diretor
Raul Tavares

Semanário
Região de Setúbal

Edição n.º 1362
9.ª série

DISTRIBUÍDO COM O
Expresso

Sexta-feira
**9 outubro
2026**
0,50

semmais



ALFEITE PREPARA 'ENCAIXE' DE 140 MILHÕES

A requalificação do Arsenal do Alentejo deverá arrancar no próximo ano, alavancada por um investimento de 140 milhões de euros, por via da empresa italiana Fincatieri. Esta operação visa preparar os estaleiros localizados em Almada para a construção das três novas fragatas da marinha portuguesa.

Pág. 2



SOCIEDADE

"A SAÚDE FOGE-NOS POR ENTRE OS DEDOS TAL E QUAL A AREIA"

Litoral Alentejano sem médicos, estradas, transportes e dinheiro.

Pág. 3

AMRS QUER GOVERNO A DISCUTIR 'NOVO' PEDEPES COM A REGIÃO

Pág. 4

REGIÃO TEM PERDAS DE ÁGUA ACIMA DA MÉDIA NACIONAL

Segundo a Ersar, sete dos nove sistemas da península apresentam níveis preocupantes de perdas reais. A renovação das redes é assumida como prioridade máxima.

Pág. 4

AUMENTO DA PROCURA PRESSIONA PRÉ-ESCOLAR EM TODA A REGIÃO

As autarquias estão a ter grandes dificuldades na colocação do pré-escolar, dada a elevada procura pela rede pública. Em Palmela 500 crianças não tiveram vaga.

Pág. 6

Cáritas de Setúbal comemora 50 anos e lembra dificuldades

A instituição assinala aniversário em novembro, numa altura em que precisa de reforçar as respostas ao aumento das carências sociais. Na península, o auxílio da Cáritas Diocesana chega a cerca de 3700 pessoas diariamente.

Pág. 5



CÂMARA DE SESIMBRA PRIORIZA SECUNDÁRIA DA QUINTA DO CONDE

Pág. 7



O município espera submeter candidatura até final do ano. O equipamento projetado terá capacidade para 60 turmas e 55 salas, num investimento de 27 milhões de euros.

REQUALIFICAÇÃO DO ARSENAL DO ALFEITE COMEÇA NO PRÓXIMO ANO

Italianos investem 140 milhões de euros no estaleiro militar português

Só dentro de ano se saberá se os fabricantes e vendedores das fragatas FREMM EVO farão ou não parte do conselho de administração da empresa. Todos os postos de trabalho estão assegurados, mas trabalhadores reclamam formação para poderem operar nos novos navios.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

A **CONSTRUTORA** de navios militares italiana Fincatieri, que recentemente foi escolhida para fabricar três fragatas para a Marinha portuguesa, vai investir 140 milhões de euros no Arsenal do Alfeite, capacitando assim aquela estrutura portuguesa para continuar a operar na área da reparação naval. A notícia confirmada pelo Semmais deixa, no entanto, algumas dúvidas no ar, nomeadamente em relação à constituição do futuro conselho de administração. Os trabalhadores entendem que o mesmo deve continuar a ser exclusivamente nacional.

A constituição do futuro conselho administrativo irá ser conhecida ao longo do próximo ano. Esta é uma decisão que já foi aceite pela empresa italiana e também pelo Ministério da Defesa, onde a possibilidade de ter um parceiro exterior não é vista como forma de ingerência na gestão do principal estaleiro de reparação naval militar português. “É normal que os italianos, depois de assegurarem, até 2030, a entrega de três fragatas para a Marinha portuguesa e de terem disponibilizado uma grande quantia para que o estaleiro possa continuar a laborar e a ser competitivo, queiram também, de alguma forma, continuar a ter uma palavra a dizer sobre o modelo de gestão”, disse ao nosso jornal fonte conhecedora do processo.

Assegurada está a permanência ao serviço de todos os 400 funcionários do estaleiro, seja aqueles que estão na dependência direta do Ministério da Defesa, seja os que na sua maioria integram a Alfeite, SA, a outra empresa que assegura os trabalhos. “Provavelmente, tal como aconteceu quando da compra dos submarinos, quando Alfeite teve em permanência equipas de manutenção alemãs, também agora deverão chegar operários especializados italianos. Essa é uma situação normal, porque são eles quem domina esta área. Eles, melhor do que ninguém, estarão



aptos para fazer o acompanhamento inicial dos navios e darem formação aos operários portugueses”, explicou ao nosso jornal António Pereira, da comissão de trabalhadores do estaleiro sediado em Almada.

Mesmo sem conhecer o valor total do investimento no estaleiro, o representante dos trabalhadores diz que o mesmo “será fundamental” para que o mesmo sobreviva. “Há vários anos que se escuta que são necessários cerca de 200 milhões de euros para fazer trabalhos fundamentais, instalar equipamentos e comprar ferramentas. Se as

melhorias há muito reconhecidas como fundamentais não forem feitas a curto prazo, então muito do trabalho que ainda aqui se vai fazendo acabará por desaparecer, por ser transferido para outro lado. A Marinha portuguesa é o principal cliente/utilizador do Arsenal do Alfeite e ambos são complementares e fundamentais para a operacionalidade do outro”, disse.

OBRAS FUNDAMENTAIS ARRANCAM EM 2027

Os trabalhos de modernização do Arsenal do Alfeite deverão iniciar-se já

no próximo ano. Essa é uma condição essencial, uma vez que a primeira das três fragatas construídas pela Fincatieri deverá ser entregue em 2029. Nessa ocasião, dizem os especialistas em reparação naval, os estaleiros já deverão possuir, entre outras estruturas, uma doca flutuante.

“A doca flutuante que poderá custar até 55 milhões de euros é, de facto, essencial para o tipo de trabalho que aqui se pretende fazer, mas não é o único equipamento em falta”, disse António Pereira, acrescentando que são necessárias muitas outras ferramentas capazes de poderem servir para operar em navios de grandes dimensões. “É preciso construir uma ponte-cais onde as fragatas possam acostar. É preciso ter uma plataforma que dê acesso a todos equipamentos. É preciso formação especializada ministrada a todos”, acrescentou.

António Pereira lembrou, por outro lado, que o Arsenal não será apenas determinante para a manutenção das futuras fragatas e dos dois submarinos da Marinha: “Este estaleiro irá continuar a ser o mais utilizado pelas embarcações militares e por isso deve reunir todas as condições, em termos materiais, humanos e de gestão. A Marinha já foi reforçada com um porta-drones e vai receber em breve dois navios abastecedores. Além disso é também aqui assegurada a manutenção das fragatas já existentes e, em breve, deverão também chegar os “patrulhões” que estão a ser construídos nos estaleiros de Viana do Castelo”. ■

Características das fragatas compradas a Itália

As três fragatas FREMM EVO que Portugal comprou a Itália (ao abrigo do programa europeu SAFE), num valor total de 3,9 mil milhões de euros, fazem parte do reforço militar do país estipulado no âmbito da Nato e depois de terem alastrado os conflitos militares por vários países. As embarcações em causa vêm substituir outras que já têm mais de 30 anos de atividade e destacam-se pela capacidade que possuem para a luta anti submarino e anti navio. Além disso possuem também acentuada capacidade para a defesas antiaérea, estando dotadas de equipamentos que lhes permitem detetar e derrubar

mísseis e drones. São navios com 144 metros de comprimento, capazes de deslocarem 6.500 toneladas e que têm uma tripulação estimada de 145 militares. Estão preparados para permanecerem 45 dias consecutivos no mar (11 mil quilómetros sem necessidade de reabastecimento), estão equipados com motores de gás e elétricos e atingem uma velocidade de 50 quilómetros/hora. Podem disparar mísseis anti aéreos e mísseis anti navio, dispoendo também de dois canhões de 76 mm e duas peças automáticas de 30 mm. As FREMM EVO são atualmente utilizadas por Itália, França e Egípto.

LITORAL ALENTEJANO SEM MÉDICOS, ESTRADAS, TRANSPORTES E DINHEIRO

“A saúde foge-nos por entre os dedos, tal e qual a areia”

Um dia inteiro para ir ao médico e esperar a boleia de um familiar ou amigo é uma situação recorrente. As reclamações duram há anos, assim como a falta de médicos e respostas. O Semmais conta-lhe a realidade e as dificuldades dos concelhos atlânticos.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

DE GRÂNDOLA a Odemira, passando por Alcácer do Sal, Santiago do Cacém e Sines, repetem-se as reclamações. Aceder aos cuidados de saúde no Litoral Alentejano é, nos dias de hoje, uma aventura. A ida a uma consulta ao hospital da região pode implicar um dia inteiro de viagens. Os custos também se tornam quase insuportáveis para uma população envelhecida e que quase não tem transportes públicos.

José Jesus é octogenário e mora em Grândola, onde integra uma comissão de utentes dos serviços públicos. A descrição que faz do estado de saúde no concelho é a idêntica à que encontramos quando falamos com moradores dos restantes municípios. “Não há médicos nem enfermeiros em quantidade, os centros de saúde estão fechados ou degradados e para alguém chegar ao hospital, ou vai de táxi, ou requisita aos bombeiros, em caso de muita urgência, os serviços de uma ambulância. Eles ir, vão. O problema é que depois não podem ali ficar horas à espera, até porque têm outros serviços. O remédio é apanhar um táxi para regressar a casa.

É muito dinheiro, e nem todos podem pagar. A verdade é que a saúde nos foge por entre os dedos, como se fosse areia”, conta.

Dinis Silva, habitual porta-voz da Comissão de Utentes do Litoral Alentejano, diz que as reclamações que vão chegando quase diariamente “vêm de todos os concelhos”. “Não é apenas de Odemira que chegam queixas. Mesmo pertencendo ao distrito de Beja essas pessoas também são atendidas no Hospital do Litoral, em Santiago do Cacém. Até mesmo nos concelhos mais próximos há um sentimento de abandono. As pessoas são idosas. Não há transportes públicos e, muitas vezes, dependem de familiares ou amigos para as levarem. Há sítios onde se pode apanhar, pagando o bilhete, a camioneta da escola para tentar chegar ao hospital. O pior é que a saída é logo pela manhã e depois, para regressarem a casa, têm de esperar pelo final da tarde, quando a camioneta regressa com os estudantes. É um dia inteiro perdido e sem garantias”, partilha.

“Aqui, no Litoral Alentejano, é necessário tirar um dia de folga para ir ao hospital. É preciso

ter um dinheiro de parte para a necessidade de ter de se pagar o táxi, porque os transportes públicos quase não existem. Temos, há vários anos, mantido contactos com todas as câmaras municipais, de quem recebemos sempre apoio, seja em ações de protesto junto aos centros de saúde encerrados ou em obras intermináveis, seja quando escrevemos aos ministros da Saúde e aos deputados. Todos nos dão razão, mas a verdade é que ninguém resolve nada”, diz Dinis Silva.

PARTOS À BEIRA DA ESTRADA TORNARAM-SE NORMAIS

O Hospital do Litoral Alentejano foi pensado para atender uma população (no total dos cinco concelhos que serve) calculada em 2005 em pouco mais de 50 mil pessoas. Atualmente os residentes são cerca do dobro e a tendência, devido ao desenvolvimento industrial e populacional em zonas como Sines e Odemira, é para aumentar.

Para muitos dos utentes contactados a unidade hospitalar já está muito longe de satisfazer as necessidades. “Há muitas especialidades em falta. Ter uma con-



IMAGEM DR

sulta de cardiologia, ortopedia ou oftalmologia é uma coisa bem difícil. Por vezes é preciso esperar um ano ou mais até conseguir. Não há médicos suficientes, porque ninguém quer vir trabalhar para esta zona ganhando muito menos do que o que é pago no privado”, afirma Jacinto Vinagre, residente em Alcácer do Sal. “O nosso hospital terá sido pensado para ter uma maternidade, coisa que nunca existiu. Agora, as mulheres têm as crianças em Setúbal ou em Beja. Muitas vezes têm de se deslocar mais de 100 quilómetros para darem à luz. O que acontece é que é cada vez mais frequente termos notícias de partos à beira da estrada. Tornou-se normal as ambulâncias encostarem a meio do caminho para as mulheres darem à luz, sabe-se lá em que condições. Há cerca de dois anos, numa dessas situações, houve uma criança que não sobreviveu. Estas coisas quase não são faladas, mas acontecem e deixam marcas”, acrescenta.

Também Álvaro Beijinha, o atual presidente da câmara

de Sines e ex autarca de Santiago do Cacém, deu conta ao Semmais das “muitas diligências que têm sido efetuadas ao longo dos anos” para tentar solucionar as carências no acesso aos serviços de saúde; “Não é, infelizmente, um tema novo. Uma consulta com o médico de família pode demorar mais de um mês para ser obtida. Há atrasos em tudo e em todas as especialidades e tudo isso tem sido devidamente reportado pelas câmaras municipais ao Ministério da Saúde. Enquanto não se efetivar o reforço do investimento estatal em diversas áreas, nomeadamente na saúde, na habitação ou na educação, nada se vai resolver. Não há capacidade para atrair médicos, enfermeiros e pessoal auxiliar e essa incapacidade vai agravar-se com o aumento da população. Como é que querem atrair mais empresas e criar mais empregos, se depois não há cuidados de saúde, não há escolas e não existem outros serviços, como as repartições de finanças ou as conservatórias?” ■

7 DIAS

UTENTES EXIGEM REPARAÇÃO DA EN120 EM SANTIAGO

Uma resolução a exigir uma “intervenção urgente” na EN120 foi aprovada, sábado, pela Comissão de Utentes dos Serviços Públicos do Concelho de Santiago do Cacém. No documento, dirigido ao Governo e à IP, a estrutura sublinha que a EN120 “é uma via estrutural e imprescindível” para a deslocação da população entre as várias freguesias dos concelhos limítrofes.

AUTARQUIA SADINA ADQUIRE MAEDS

O Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) vai passar a ser gerido integralmente pela

JOSÉ CORREIA VOLTA A DOMINAR A RAMPA DA ARRÁBIDA

José Correia, piloto e patrão da JC Group Racing Team, venceu pelo terceiro ano consecutivo a Rampa da Arrábida, prova rainha do desporto motorizado setubalense, realizada no último fim de semana. Ao volante de um Osella PA30, o piloto completou as três subidas oficiais ao percurso de 3500 metros com o tempo agregado de 3 minutos, 21 segundos e 823 milésimos.

câmara, na sequência de uma decisão aprovada na quarta-feira pelo executivo municipal. Segundo a autarquia, trata-se de um “investimento estratégico” para a preservação do património e da memória coletiva local.

PJ INVESTIGA CAUSAS DO INCÊNDIO NO MONTIJO

A Polícia Judiciária (PJ) está a investigar as causas de um incêndio que originou uma explosão numa vivenda do Montijo, na terça-feira, provocando um morto e um ferido grave, disse à Lusa fonte daquela força policial. No local estiveram 29 operacionais dos Bombeiros Voluntários do Montijo, INEM, PSP e PJ, apoiados por 10 viaturas.



Escutai os jovens. Acompanhai as famílias. Cuidai dos idosos e dos doentes. Acolhei quem chega. Procurai quem se afastou. Trabalhai juntos, sem rivalidades.

CARDEAL AMÉRICO AGUIAR,

Bispo de Setúbal, na visita à paróquia de Nossa Senhora do Monte Sião, na Amora

Península de Setúbal regista perdas de água acima da média nacional

Sete dos nove sistemas da região apresentam níveis de perdas reais considerados insatisfatórios pela ERSAR. A renovação das redes ganha importância perante a pressão esperada sobre os recursos hídricos nas próximas décadas.



A **PENÍNSULA** de Setúbal enfrenta o desafio de reduzir as perdas de água numa altura em que o crescimento previsto para o território deverá aumentar a pressão sobre os recursos disponíveis. O estudo sobre a resiliência hídrica da região, promovido pela Águas de Portugal e apresentado na passada semana em Setúbal, aponta a eficiência no uso como uma das respostas para garantir o equilíbrio futuro entre disponibilidades e necessidades.

Os dados mais recentes da Entidade Reguladora dos Serviços de Águas e Resíduos (ERSAR), relativos a 2024, dão uma dimensão do problema. Nos nove sistemas da região, as perdas reais superam a média continental, de 118 litros por ramal e por dia. Setúbal apresenta o valor mais elevado, com 336 litros, seguindo-se Almada, com 284, e Moita, com 258. A ERSAR considera “insatisfatórios” os valores superiores a 150 litros, patamar ultrapassado por sete dos nove sistemas da região.

A situação cruza-se com o ritmo de renovação das infraestruturas. Nenhum dos nove sistemas atinge o intervalo de 1,5% a 4% de reabilitação anual de condutas considerado adequado pela ERSAR. O Barreiro apresenta a taxa

mais elevada, com 1,4%, enquanto Almada regista apenas 0,3%. A média continental é de 0,5%.

António Carmona Rodrigues, presidente do Grupo Águas de Portugal, explicou aos jornalistas, após a apresentação do estudo, que uma “parte significativa” da água não faturada corresponde a perdas físicas “nas juntas, nas tubagens, nas curvas, nos acessórios”, um problema que tende a agravar-se com o envelhecimento das infraestruturas. Além da água, lembrou, também é “desperdiçada a energia” utilizada para a captar, armazenar e distribuir.

Para contrariar esta realidade, defendeu uma gestão continuada dos ativos, com a substituição anual de uma parte da rede. “Três por cento é um número orientador”, afirmou, tendo como referência o intervalo entre 1,5% e 4% definido pela ERSAR. Carmona Rodrigues reconhece, contudo, que em alguns territórios o investimento na renovação foi sendo adiado e que a recuperação desse atraso poderá exigir “uma injeção forte”.

INVESTIMENTO É DESAFIO PARA OS MUNICÍPIOS

Frederico Rosa, presidente da Comunidade Intermunicipal da Península de Setúbal (CIM-

-PS), também presente na apresentação, classificou as perdas como “um dos grandes flagelos” a combater e chamou a atenção para a existência de condutas com “50, 60, 70, 80 anos”, algumas ainda em fibrocimento.

O autarca apontou o financiamento como um dos obstáculos à aceleração da renovação, contestando que os custos de gestão e investimento tenham de ser integralmente suportados através das tarifas. Alertou também para o risco de a contenção das faturas levar os municípios a reduzir o investimento. “Se reduzirmos o investimento em baixa, não estamos a preparar os municípios para este desafio”, sustentou.

A necessidade de reforçar a eficiência das redes ganha maior dimensão perante a transformação projetada para a península de Setúbal, marcada pelo crescimento urbano, industrial e logístico e por projetos estruturantes como o novo aeroporto e a Terceira Travessia do Tejo.

O estudo identifica ainda a forte dependência da região das águas subterrâneas, tornando a gestão sustentável das captações determinante para garantir o abastecimento futuro. ■

TEXTO DAVID MARCOS



AMRS quer levar plano estratégico da região ao Governo

A **ASSOCIAÇÃO** de Municípios da Região de Setúbal (AMRS) quer levar à Assembleia da República e ao Governo o Plano Estratégico para o Desenvolvimento da Região de Setúbal (PEDEPES 2035), procurando transformar as prioridades identificadas para os 13 concelhos do distrito em decisões e investimentos nos próximos anos.

Em declarações ao Semmais, Ana Teresa Vicente, presidente do Conselho Diretivo da AMRS, defende que o objetivo é conseguir que o documento “seja agarrado e concretizado”. “Nós, municípios, cá estaremos para cumprir a nossa parte”, garante a também presidente da câmara de Palmela.

A autarca considera que alguns dos projetos estruturantes para a região ultrapassam a capacidade dos municípios e exigem investimento público nacional. Entre eles aponta o novo aeroporto no campo de tiro de Alcochete e a Terceira Travessia do Tejo, que, afirma, “têm de contar sempre com a disponibilidade do Governo”.

Promovido pela AMRS, com apoio técnico da EY-Parthenon, o PEDEPES 2035 estabelece 11 prioridades e 49 orientações para os nove concelhos da península de Setúbal e os quatro do Alentejo litoral que integram o distrito. O documento resulta de um processo de auscultação do território e de um diagnóstico que identifica crescimento, mas também problemas estruturais.

Na apresentação do plano, em Sesimbra, Vânia Rosa, da Ernst & Young, destacou o crescimento da região, onde a população empregada aumentou 40% e o número de estabelecimentos 35%.

O diagnóstico aponta, contudo, dificuldades no acesso à habitação, insuficiências na cobertura e diversidade dos cuidados de saúde e um défice de transportes públicos nas ligações dentro da própria região. Identifica ainda uma forte assimetria territorial: em 2023, 89,2% da população concentrava-se na península de Setúbal, enquanto o Alentejo litoral representava 76,6% da área analisada.

A apresentação do plano acontece num momento de mudança na própria AMRS, depois da saída de vários municípios. Ana Teresa Vicente reconhece que a nova composição terá impacto na dimensão da atividade da associação.

“Espero que consigamos levar esses projetos por diante, naturalmente a uma escala que terá de ser forçosamente mais reduzida”, admite. Ainda assim, defende que a AMRS mantém um papel relevante em áreas que exigem cooperação entre municípios.

A presidente aponta o trabalho ligado à Reserva da Biosfera da Arrábida e projetos na área da educação, mas também a intervenção conjunta em matérias como saúde, água, resíduos e ambiente, temas que “só podem continuar a ser trabalhados em conjunto”.

Ana Teresa Vicente classifica a saída dos municípios como “uma decisão política” de cada autarquia e considera que não representa necessariamente uma contestação ao trabalho estratégico desenvolvido pela associação. Atualmente, apenas cinco municípios do distrito integram a AMRS, nomeadamente Alcácer do Sal, Montijo, Palmela, Seixal e Sesimbra. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Cáritas de Setúbal reforça resposta perante novas dificuldades sociais

A CÁRITAS DIOCESANA de Setúbal assinala 50 anos de atividade em novembro, mantendo uma intervenção que chega diariamente a cerca de 3700 pessoas na península. Presidida por Paulo Valente da Cruz desde 2022, a instituição assegura respostas dirigidas a crianças, grávidas, idosos, pessoas em situação de sem-abrigo e famílias com dificuldades económicas.

Garantir esta estrutura implica 156 trabalhadores e encargos anuais próximos dos três milhões apenas em recursos humanos. “Exige uma gestão organizacional e financeira já de grande responsabilidade”, reconhece o presidente, em entrevista ao Semmais.

Também na área alimentar a procura aumentou de forma significativa. No início da atual presidência, a Cáritas fornecia cerca de 100 mil refeições por ano, com um custo próximo dos 400 mil euros. O número subiu de-

pois para 135 mil e atingiu as 165 mil no ano passado, enquanto os custos acompanharam a subida dos preços.

Mas não é apenas o volume de pedidos que está a mudar. O perfil de quem procura ajuda também se transformou. Segundo Paulo Valente da Cruz, a habitação tem sido o principal fator dessa mudança, com o aumento das rendas e dos encargos bancários a atingir famílias que anteriormente mantinham uma situação económica estável. “Começamos a ter pessoas de classe média, que tinham a sua vida perfeitamente sustentável, a bater-nos à porta e a dizer: ‘Eu preciso de um SOS financeiro’”, exemplifica.

Muitos desses pedidos estão relacionados com despesas básicas. Através das paróquias chegam à Cáritas situações de famílias que já não conseguem suportar a renda, a água ou a eletricidade, além de encargos



associados à saúde. Em alguns casos, uma intervenção pontual pode evitar o agravamento da situação. “Às vezes essa prevenção serve para a família não vir para a rua”, explica.

As pessoas em situação de sem-abrigo constituem outra

frente da intervenção da instituição. Apesar de a camarata de São Francisco Xavier, em Setúbal, dispor de 16 lugares, a Cáritas apoia diariamente cerca de 200 pessoas com alimentação e acesso a banho. A resposta inclui ainda apartamentos partilhados,

concebidos como uma etapa de transição para a autonomização.

É precisamente esse percurso, da assistência à autonomia, que Paulo Valente da Cruz pretende reforçar junto das pessoas com condições para regressar ao mercado de trabalho. “O paradigma do assistencialismo tem que mudar. Numa fase inicial é fundamental, claro que sim, a pessoa precisa de ser assistida”, defende.

O presidente da Cáritas considera, contudo, que a ajuda não pode transformar-se numa dependência prolongada. “Alimentar a pobreza, isso eu não o quero fazer”, afirma, defendendo uma intervenção capaz de criar condições para que cada pessoa possa recuperar a autonomia.

Paulo Valente da Cruz quer, por isso, que os casos de autonomização deixem de ser exceção, embora reconheça que o acesso ao emprego e, sobretudo, à habitação continua a condicionar muitos destes percursos. “Qual é a minha maior alegria? É um dia dizer assim: foi um, agora já foram cinco, amanhã podem ser 50 e depois 100”, afirma. ■

TEXTO DAVID MARCOS

PUBLICIDADE



Porto de Setúbal

Um lugar único, onde a Sustentabilidade impulsiona a Inovação.

O Porto de Setúbal com a sua estratégia 2035 transforma a sua localização privilegiada e as suas grandes áreas de expansão num Hub económico sustentável e parte imprescindível de cadeias logísticas sustentáveis de base para a localização de novos clusters da reindustrialização verde e das novas energias, onde a inovação e as novas tecnologias geram valor, competitividade e sustentabilidade.

portodesetubal.pt



Aumento da procura pressiona oferta da rede pública de pré-escolar da região

Dificuldades de colocação foram registadas em vários concelhos durante a preparação do novo ano letivo. Autarquias têm reforçado a capacidade com novas salas e equipamentos.

A **PROCURA** pela educação pré-escolar pública continua a pressionar a capacidade disponível em vários concelhos da Península de Setúbal. Os dados fornecidos pelos municípios ao Semmais mostram dificuldades na colocação e um esforço para reforçar a oferta.

Em Palmela, cerca de 500 crianças não tiveram lugar na rede pública no ano letivo 2025/2026, embora a autarquia ressalve a complementaridade das ofertas solidária e privada e acredite que as que permaneceram em lista de espera “terão tido outras alternativas no concelho”. Para este ano estavam disponíveis 950 vagas em 38 salas, 786 já atribuídas quando os dados foram fornecidos.

No Barreiro, onde cerca de 390 crianças aguardavam vaga

no último ano letivo, a rede pública dispõe de 21 estabelecimentos e 50 salas com um total de 1.250 lugares. A autarquia salienta que a “colocação das crianças está dependente dos agrupamentos”, através do Portal das Matrículas, ao qual “o município não tem acesso”. Já em Alcochete, onde a procura era “superior à oferta”, 124 crianças estavam sem colocação em agosto, mês em que as 350 vagas já tinham sido atribuídas.

Já no Agrupamento de Escolas do Montijo não conseguiram vaga na primeira opção 169 crianças, um número que, segundo a autarquia, não permite apurar quantas ficaram sem resposta pública no concelho. Em Almada das 3.119 candidaturas foram colocadas 2.225 crianças nas listas defi-



IMAGEM DR

nitivas, nas 2.577 vagas inicialmente disponibilizadas.

Em Setúbal, 930 crianças frequentaram o pré-escolar público no último ano letivo, que tinha capacidade de 1.150 lugares. Para 2026/2027, a rede passou a contar com 50 salas e capacidade para 1.250 crianças. O novo Centro Escolar Barbosa du Bocage acrescentou quatro salas à oferta.

Na Moita, a capacidade passou de 39 para 43 salas e a frequência aumentou de 812 crianças em 2024/2025 para 829 no ano seguinte. A autarquia identifica uma “procura significativa”, mas não avançou o número de crianças sem

colocação, por considerar necessário aguardar pela conclusão do processo.

Um pouco por toda a península, o reforço deverá continuar, com a futura EB Montijo Oriente a prever mais três salas no início de 2027 e Palmela a preparar outras cinco, três na nova escola básica da vila e duas em Pinhal Novo, depois de outras duas terem sido criadas na Quinta do Anjo. No Barreiro, foram abertas duas salas nos últimos três anos.

A falta de vaga não significa que as crianças fiquem sem acesso ao pré-escolar, já que os municípios apontam as ofertas solidária e privada como alternativas. Alcochete, Almada e Barreiro, por exemplo, disponibilizam às famílias informação sobre estas respostas. Apesar da insistência, Sesimbra e Seixal não enviaram os dados solicitados pelo nosso jornal. ■

TEXTO DAVID MARCOS

SONS DE OUTONO

FESTIVAL DE MÚSICA DE ALMADA
3—31 OUTUBRO

cm-almada.pt

O HOMEM

RTP
antena 2

CAPUCHOS
ALMADA

CMA
CÂMARA MUNICIPAL
DE ALMADA

ESTABELECIMENTO É CONSIDERADO PRIORIDADE MÁXIMA NO CONCELHO

Quinta do Conde prepara candidatura para nova secundária até final do ano

Autarquia espera submeter candidatura até ao final do ano. Equipamento terá capacidade para 60 turmas e 55 salas e representa um investimento de cerca de 27 milhões de euros.

TEXTO DAVID MARCOS

A **CÂMARA** de Sesimbra espera reunir até ao final do ano as condições para submeter a candidatura à construção da nova Escola Secundária da Quinta do Conde, que deverá substituir a atual Michel Giacometti. O investimento está estimado em cerca de 27 milhões de euros e o projeto é elegível para financiamento através do Banco Europeu de Investimento (BEI).

“Não tivemos os mesmos problemas no arranque do ano letivo como em outros concelhos, mas existe algu-

ma pressão na rede. Na Quinta do Conde, por exemplo, as escolas de segundo e terceiro ciclo e, particularmente, no secundário, estão a arrebentar pelas costuras”, disse ao Semmais o presidente da câmara de Sesimbra, Francisco Jesus, que considera a intervenção uma “urgência”.

Prevista para a zona da Ribeira do Marchante, a nova escola pretende responder à sobrelotação da Michel Giacometti, que em 2025 funcionava com uma ocupação próxima dos 200%, 48 turmas e 1137 alunos. O novo equipamento terá capacidade para 60 turmas e 55 salas.

A intervenção está inscrita na Carta Educativa, validada pelo Ministério da Educação, com a classificação “P1 – Muito Urgente”, o que permite o acesso a financiamento do BEI.

INVESTIMENTO DE QUATRO MILHÕES NOUTRAS ESCOLAS

A autarquia tem, também, praticamente concluídos os projetos e estimativas para intervenções nas escolas de Sampaio, Maria do Carmo Serrote e Boa Água. No conjunto, representam cerca de quatro milhões de euros, sobretudo para obras de reabilitação, melhoria do conforto e eficiência energética. Francisco Jesus espera

que as respetivas candidaturas sejam validadas até ao final do ano.

No primeiro ciclo e pré-escolar, uma das prioridades é a Escola Básica/Jardim de Infância do Casal do Sapo, onde ainda existem pavilhões pré-fabricados. O município procura financiamento através do Portugal 2030.

Na Escola Navegador Rodrigues Soromenho, recentemente inaugurada após uma ampliação que representou um investimento de cinco milhões, falta ainda requalificar o edifício antigo. A intervenção está estimada entre 2,5 e três milhões e aguarda uma solução de financiamento com o Ministério da Educação. ■

Município reclama mais financiamento

A transferência de competências na área da educação, iniciada em abril de 2022, é outra das preocupações da autarquia. Segundo Francisco Jesus, até ao final de 2025 acumulou-se “uma diferença de cerca de seis milhões” entre os encargos assumidos pelo município e as verbas transferidas pela tutela. Parte dos recursos municipais acaba por ser canalizada para despesas correntes, nomeadamente com pessoal, reduzindo a margem

disponível para investir nos equipamentos escolares. “A manta, quando estica de um lado, acaba por encurtar do outro”, resume o autarca, que considera “necessário e urgente” garantir um modelo de financiamento ajustado aos custos efetivamente suportados pelos municípios. Para Sesimbra, a construção da nova secundária da Quinta do Conde surge, neste contexto, como a intervenção mais urgente da rede escolar do concelho.



SAAS do Seixal acompanha mais 39% de processos desde 2023

O **NÚMERO** de processos acompanhados pelo Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social (SAAS) do Seixal aumentou 39% desde agosto de 2023, quando as competências da ação social foram transferidas para o município. O presidente da câmara, Paulo Silva, associa a subida ao aumento do custo de vida e às dificuldades no acesso à habitação.

“Estas necessidades sociais estão a crescer e a tornar-se mais complexas”, afirmou o autarca durante o 1.º Encontro Distrital do SAAS, realizado no Seixal. Entre os fatores apontados estão a precariedade laboral, o envelhecimento, o isolamento social, as dificuldades das pessoas com deficiência e o agravamento das desigualdades.

A habitação assume particular peso entre os problemas sinalizados. “Hoje, ter um trabalho e um rendimento já não é sinónimo de ter uma vida digna, porque o valor pago no mercado de arrendamento por uma habitação já não é suportável”, alertou Paulo Silva.

O autarca deu como exemplo um trabalhador com um rendimento de “900, 900 e tal euros”, quando, no Seixal, “não se consegue hoje arrendar um T2 por menos de 1200 euros”. E concluiu: “A dignidade da vida humana começa na habitação.”

Ao Semmais, Paulo Silva explicou que a transferência de competências não levou o município a substituir o trabalho desenvolvido pelas instituições que já colaboravam com a Segurança

Social. A autarquia manteve essas parcerias e assumiu a coordenação do trabalho em rede.

O financiamento das entidades parceiras é, contudo, uma das preocupações apontadas pelo autarca. A verba global transferida para o município aumentou cerca de seis mil euros entre 2024 e 2025 e 42 mil euros entre 2025 e 2026. Este último reforço destinou-se, porém, às respostas sociais de emergência e não à atualização dos montantes atribuídos às instituições.

Entre essas respostas estão o alojamento temporário de pessoas que ficam sem casa e o apoio à aquisição de medicamentos. “Para pagar aos parceiros não veio nenhum aumento”, sublinhou.



Paulo Silva defende, por isso, uma revisão do financiamento, considerando que a manutenção dos atuais montantes pode comprometer a resposta. “Isto vai ser incomportável para as instituições. Os salários aumentam, tal como os custos de funcionamento, combustível e energia. Sem uma atualização, estas instituições vão acabar asfixiadas”, afirmou.

O edil defendeu ainda o reforço de respostas orientadas para “a prevenção e a promoção da autonomia e da dignidade da pessoa humana”, abrangendo áreas como o apoio às pessoas idosas e com deficiência, a infância, a saúde mental, as pessoas em situação de sem-abrigo, as vítimas de violência e as famílias em situação de vulnerabilidade. ■

TEXTO DAVID MARCOS

PRODUTORA CONTA COM SETE DÉCADAS DE HISTÓRIA E CERCA DE 200 PRODUTORES



Da vinha à garrafa: a nova vida da Adega Cooperativa de Palmela

Durante anos, quase todo o vinho saía da cooperativa a granel. Hoje, a aposta está nas marcas próprias, no engarrafamento, na modernização e na conquista de novos mercados. Em plena vindima, o enólogo Luís Silva e o presidente Ângelo Machado explicam como uma adega com 70 anos procura garantir futuro para o vinho e para quem ainda trabalha a terra.

TEXTO DAVID MARCOS

ÀS DUAS DA MANHÃ, Luís Silva já costuma estar no meio da vinha. Em plena vindima, o enólogo da Adega Cooperativa de Palmela começa o dia quando ainda é noite, aproveitando as temperaturas mais baixas para colher as uvas e transportá-las para a adega nas melhores condições. “Gosto de vindimar cedo, por uma questão de sustentabilidade, porque consigo levar as uvas mais frescas para a adega. E também porque o dia rende mais”, explica ao nosso jornal.

Quando o sol nasce, a jornada já vai longa. Dentro da adega, as uvas continuam a chegar, as equipas acompanham as diferentes fases da produção e, mais adiante, o mosto separa-se da massa. Luís Silva percorre as instalações antes de descer à cave, onde as barricas guardam vinhos que só chegarão ao mercado depois de anos de espera.

Enólogo desde 2009, é também viticultor, associado e gerente da cooperativa. Antes de cada carga chegar, a maturação das uvas já foi controlada e são conhecidas as castas e quantidades previstas. À entrada, mede-se o grau provável e decide-se o destino de cada lote.

Quando assumiu funções, encontrou, recorda, uma cooperativa “muito descredibilizada” em termos de marcas, qualidade e posicionamento. “Para valorizarmos as uvas temos de valorizar o vinho. E, para valorizar o vinho, temos de ter uma marca forte”, sublinha.

É nessa mudança que está uma parte importante da história recente da cooperativa, que completou 70 anos em 2025. Reúne cerca de 200 produtores,



responsáveis por perto de 900 hectares de vinha. Em 2009, aproximadamente 95% do vinho seguia a granel. Hoje, essa realidade é residual.

A garrafa passou a ser central na estratégia. Os vinhos estão nas principais cadeias de distribuição nacionais e chegam a vários mercados externos. O Brasil é o principal destino, seguindo-se países como Polónia, França, Bélgica, Estados Unidos e Canadá.

‘CRIAÇÃO’ DOS NÉCTARES COMEÇA PELO NARIZ

Na cave, entre barricas e aromas de madeira, Luís Silva fala de castas e perfis de vinho. O Castelão, principal casta tinta, dá origem a vinhos “macios, suaves, fáceis de beber”. E brinca: “A vida já é complicada demais para vinhos complicados.”

Nos brancos, procura frescura e leveza, características que associa também à proximidade do mar. Antes de

provar, porém, é preciso cheirar. No Moscatel podem surgir notas florais; durante a fermentação aparecem aromas de fruta tropical e, nos tintos, frutos vermelhos. O envelhecimento acrescenta frutos secos e notas de madeira, cacau ou tabaco.

Algumas barricas exigem anos de espera. É o caso do Moscatel Roxo de Setúbal Superior 15 Anos, distinguido como Melhor Vinho Generoso de Setúbal. Luís identifica-lhe frutos secos e tâmaras, com a doçura equilibrada pela acidez. “Aquilo mastiga-se”, comenta Ângelo Machado.

A cooperativa foi pressionada para lançar o vinho aos cinco e aos dez anos. “Cedemos aos 15. Para mim, a ideia era aos 20”, recorda Luís. Todos os anos ficam reservadas entre dez e 20 barricas de Moscatel para envelhecimento.

O reconhecimento chegou também ao enólogo, distinguido pela Associação de Municípios Portugueses do Vi-

nho como melhor enólogo da região de Setúbal. Luís considera o prémio uma “motivação acrescida”, sobretudo porque “nem sempre temos a certeza de que o nosso trabalho está a ser valorizado”.

MODERNIZAR ACOMPANHAR OS NOVOS TEMPOS

A transformação também chegou às máquinas. Há cerca de quatro anos, a cooperativa investiu 500 mil euros em equipamentos, incluindo robôs para a paletização. Está agora a concluir outro investimento, de aproximadamente 200 mil euros, para automatizar a fase seguinte. “Estamos, aos poucos, a modernizar”, explica Ângelo Machado.

A própria vindima mudou. Há 15 anos, eram contratados 15 a 20 trabalhadores para a campanha, hoje, grande parte do trabalho é assegurada pelas equipas permanentes.

A tecnologia, contudo, não resolve todos os problemas. A cooperativa comercializa entre sete e 7,5 milhões de litros por ano e enfrenta custos crescentes, difíceis de repercutir no preço final.

Para Luís Silva, há ainda um desafio maior: garantir que continue a haver quem queira trabalhar a vinha. “Se não conseguirmos tornar esta atividade interessante para que as gerações vindouras lhe deem seguimento, isto acaba”, alerta.

É esse o desafio de uma cooperativa com sete décadas de história: modernizar, conquistar mercados e valorizar o vinho sem perder de vista aquilo que está na origem de tudo, a terra e quem a trabalha. ■

GALERIA MUNICIPAL DO MONTIJO

VERDE QUE NÓS HABITA

EXPOSIÇÃO DE ARTES VISUAIS

PAULO CANILHAS

10 de outubro a
21 de novembro de 2026



 [galeriamunicipalmontijo](https://www.instagram.com/galeriamunicipalmontijo)

terça a sábado das 9h00 às 12h30
e das 14h00 às 17h30

Galeria Municipal do Montijo
Rua Almirante Cândido dos Reis, 12
2870-253 Montijo
telefone 21 232 77 36
e-mail cultura@mun-montijo.pt
www.mun-montijo.pt

CLUBE PREPARA NOVA TEMPORADA DEPOIS DE CONQUISTAR TRÊS TROFÉUS

GD Sesimbra quer lutar por todos os títulos no futebol de praia

Taça de Portugal, Euro Winners Challenge e Taça da AF Setúbal reforçaram o estatuto da equipa, que quer dar novo passo na próxima época. Formação continuará a sustentar um projeto condicionado pelas limitações das condições de treino.

TEXTO DAVID MARCOS

A MELHOR temporada da história do futebol de praia do Grupo Desportivo de Sesimbra não diminuiu a ambição do clube. Depois de conquistar a Taça de Portugal, o Euro Winners Challenge e a Taça da Associação de Futebol de Setúbal, além de alcançar o terceiro lugar no Campeonato de Elite, a equipa já prepara a próxima época com a intenção de voltar a disputar todos os troféus.

Os resultados alcançados alteraram também a forma como os adversários encaram o GD Sesimbra. Durval Pinto reconhece essa responsabilidade acrescida e assume sem reservas os objetivos para a nova temporada. “O objetivo é

ganhar a Supertaça, tentar ganhar o campeonato nacional, ganhar a Taça de Portugal. É ganhar tudo, é tentar ganhar tudo. Isso não vamos esconder”, afirma o treinador, garantindo que o que foi conseguido “é para ser mais e melhor” na próxima época.

Para responder a essa exigência, a equipa técnica pretende manter a estrutura do plantel e reforçá-la apenas com “dois, três jogadores que façam a diferença”. A aposta continuará, assim, assente numa base jovem: dos 22 jogadores utilizados na última temporada, 11 tinham entre 16 e 22 anos, segundo Durval Pinto.

É uma identidade que o clube quer preservar enquanto



procura subir mais um degrau. “Não queremos estragar isso. A nossa base é aqui. Quem está atento sabe o trabalho que estamos a fazer na formação. E isso é muito importante, porque o Sesimbra tem de viver da formação”, defende o técnico.

A afirmação entre as principais equipas nacionais surge depois de um percurso nem sempre linear, durante o qual o GD Sesimbra não conseguiu estabilizar inicialmente no principal escalão antes de

regressar à Elite. Para António Soromenho, dirigente ligado à modalidade, o projeto atingiu agora uma nova dimensão, mas sem perder a vontade de crescer. “Faltava-nos uma equipa séria na Elite e confirmámos isso, mas queremos mais”, vinca.

CONDIÇÕES CONTINUAM A LIMITAR CRESCIMENTO

À ambição desportiva contrapõem-se, contudo, limitações nas condições de treino. GD Sesimbra, Alfarim

e Zambujalense terão equipas nos campeonatos nacionais na próxima época e partilham um espaço que é igualmente utilizado pelos escalões de formação. Os três clubes subscreveram um documento que, segundo os responsáveis do Sesimbra, será enviado à Câmara municipal para solicitar uma reunião sobre a necessidade de criar melhores condições e mais espaço para treinar.

As limitações têm impacto direto na preparação da equipa principal. “Nós conseguimos estes resultados todos, mas não treinamos uma hora sequer por dia”, revela Durval Pinto. Parte do trabalho é realizada fora do campo e a utilização sucessiva do recinto pelas diferentes equipas reduz, segundo o treinador, o tempo efetivo de cada sessão para cerca de 40 minutos.

Só no GD Sesimbra existem, de acordo com os responsáveis, entre 130 e 140 atletas distribuídos pelos diferentes escalões. A falta de espaço é já apontada como uma das razões que obrigam o clube a limitar a entrada de crianças mais novas. ■

Litoral Alentejano recebe centésima edição do 6DAYS FIM Enduro of Nations

O LITORAL Alentejano recebe, a partir de segunda-feira e até dia 17, a centésima edição do 6DAYS FIM Enduro of Nations. Com sede em Grândola e percursos por Alcácer do Sal, Odemira, Santiago do Cacém e Sines, a competição reúne 470 pilotos de 31 países ao longo de seis dias.

Mais do que os números, os 6DAYS distinguem-se pelo lugar que ocupam na história da modalidade. Pedro Mariano, diretor de prova da Federação Internacional de Motociclismo (FIM), destaca, em declarações ao Semmais, o estatuto alcançado pela competição. “É a prova mais antiga e mais prestigiada do calendário”, salienta.

Portugal terá também uma participação inédita, com 37 pilotos nacionais entre seleções e clubes. “Nunca tivemos tantos pilotos portugueses”, sublinha

Competição reúne 470 pilotos de 31 países e tem sede em Grândola, com percursos por vários concelhos da região. Organização estima uma comitiva de cerca de três mil pessoas.

Pedro Mariano. Esta será a quarta vez que o país recebe a competição, depois das edições de Coimbra, em 1999, Figueira da Foz, em 2009, e Algarve, em 2019.

A exigência da competição mede-se também pelos percursos. Os pilotos chegam a percorrer entre 250 e 300 quilómetros por dia, durante gran-



de parte da prova. “No total são cerca de 500 quilómetros feitos por traçados completamente diferentes”, explica o diretor de prova, dando conta do desafio colocado à organização.

A escolha do Litoral Alentejano beneficiou da experiência acumulada pela região na organização de competições

internacionais. Pedro Mariano destaca ainda o apoio das autarquias e do Turismo do Alentejo, o conhecimento do território e as condições existentes para instalar um paddock com a dimensão exigida pela competição.

O orçamento desta edição situa-se, segundo o responsá-

vel, entre os 900 mil euros e um milhão de euros.

Fora da competição, o impacto deverá também ser significativo. Pedro Mariano estima que a comitiva associada aos 6DAYS ronde as três mil pessoas, com efeitos sobretudo na ocupação hoteleira e na restauração da região.

O responsável admite maior incerteza quanto ao número de espectadores ao longo dos dias de prova, mas espera uma adesão significativa aos principais momentos do programa. A cerimónia de abertura realiza-se em Sines, a 10 de outubro, com o Desfile das Nações, enquanto o encerramento está marcado para a mesma cidade, no dia 17.

A projeção internacional da competição estende-se também à televisão. A SportTV assegurará transmissões em direto ao longo da prova e, segundo Pedro Mariano, a emissão internacional associada à FIM chegará a mais de uma centena de países. ■

TEXTO DAVID MARCOS

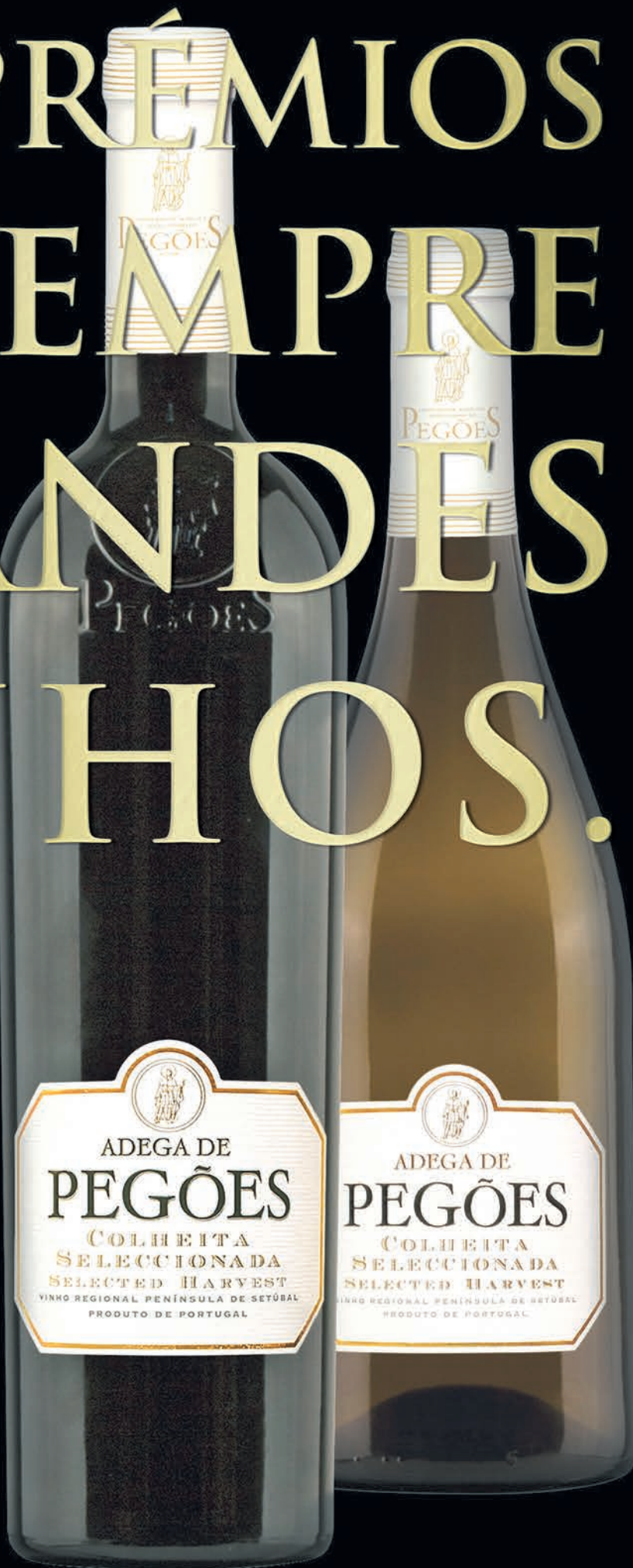
opdl.
Seja responsável, beba com moderação.

POR TRÁS DE 1000 PRÉMIOS HÁ SEMPRE GRANDES VINHOS.

Por de trás dos vinhos da Adega de Pegões há condições únicas que explicam o seu sucesso.

Privilegiada pela sua localização entre as reservas naturais dos estuários do Tejo e Sado e a serra da Arrábida e bafejada por um clima de influência Mediterrânica é favorecida por um "Terroir" único que permite criar grandes vinhos, reconhecidos mais de 1000 vezes nos últimos 12 anos pelo mundo fora.

O resto é o saber do homem e sua vontade inesgotável de vencer.



PROGRAMAÇÃO DECORRE AO LONGO DE OUTUBRO EM VÁRIOS PONTOS DO CONCELHO

“Mês da Música” celebra identidade artística de Palmela

Concertos, encontros de bandas, exposições, cinema e oficinas compõem uma edição marcada pelo Centenário da Restauração do Concelho e pela valorização dos artistas e coletividades locais.

TEXTO DAVID MARCOS

A **MÚSICA** ocupa durante todo o mês de outubro um lugar central na programação cultural de Palmela, com concertos, encontros de bandas, fado, jazz, cinema e iniciativas protagonizadas por músicos e coletividades do concelho. A edição deste ano cruza-se ainda com as comemorações dos 100 anos da Restauração do Concelho, que se assinalam a 1 de novembro.

Construída em parceria com agentes artísticos locais, a programação combina a participação das coletividades e músicos do território com nomes do panorama nacional. Em ano de centenário, a câmara de Palmela destaca ao Semmais a “vitalidade das nossas filarmónicas centenárias” e o talento que “reafirma que ‘Palmela é Música’”.



A programação prossegue este sábado, dia 10, na Escola Secundária de Pinhal Novo, com a Orquestra Nova de Guitarras e um concerto dedicado a Michael Jackson. Ao longo do mês, há ainda propostas de cinema, música eletrónica e fado, incluindo uma Noite de Fados com Susana Martins e Rafael Ascenso, a 17, no Centro Comunitário de Águas de Moura.

Na segunda metade do mês, o destaque volta a recair sobre as formações locais. O XX Encontro de Bandas Filar-

mónicas da Vila de Pinhal Novo realiza-se a 24 de outubro, data em que o ZS Urban Jazz Quartet recebe Maria João no Cine-Teatro S. João. No dia seguinte, a Sociedade Filarmónica Palmelense «Loureiros» assinala o 174.º aniversário com uma sessão solene e um concerto do coro e da banda.

O “Mês da Música” arrancou a 1 de outubro com o encontro entre António Victorino d’Almeida e Manuel Teles, no Cine-Teatro S. João. O concerto para piano e saxofones juntou o maestro

português ao músico natural de Palmela, numa escolha que refletiu também a aposta no talento ligado ao território.

INICIATIVA VISA AGREGAR ARTE E OS CRIADORES

Criada em 2019, “Palmela é Música” é uma estratégia mais abrangente que enquadra o “Mês da Música” e junta programação, apoios, promoção e trabalho com os agentes locais. Para a autarquia, outubro é “um momento agregador, que celebra esta forma de arte e os seus fazedores”.

A estratégia assenta numa comunidade musical diversificada, que inclui quatro filarmónicas centenárias, grupos corais, ranchos folclóricos, orquestras de percussão e guitarras e projetos ligados a diferentes géneros. É esta “diversidade de expressões musicais”, associada à dimensão do ensino e da prática da música, que sustenta a aposta municipal.

Para a edição deste ano está previsto um investimento de cerca de 20 mil euros, sem contabilizar custos logísticos. A verba inclui apoios financeiros às escolas de música, programação descentralizada nos equipamentos culturais, exposições e promoção das iniciativas.

Mais do que concentrar a música num mês, a autarquia procura, assim, consolidar uma estratégia de valorização de uma identidade artística que há décadas se cruza com a vida cultural do concelho. ■



Festival de Música de Almada regressa durante outubro com artistas portugueses, ucranianos e espanhóis. Programação percorre repertórios entre a Idade Média e o Barroco.

Sons de Outono leva “Partículas” aos palcos de Almada

UM **MANUSCRITO** que atravessa séculos, uma tradição transmitida oralmente ou músicas que viajam entre territórios e culturas. São diferentes formas de permanência que inspiram a edição deste ano do “Sons de Outono – Festival de Música de Almada”, que decorre até dia 31 em vários espaços do concelho.

“Partículas” é o tema desta edição e o ponto de partida para uma programação que olha para a música como matéria capaz de sobreviver ao tempo. “O tema funciona como princípio curatorial e como uma espécie de fio invisível entre os cinco concertos”, explica ao nosso jornal Filipe Faria, diretor artístico do festival.

Cada espetáculo representa uma forma de permanência: “A partícula que se encontra, a que insiste, a que se mantém, a que se fixa e a que atravessa.” Escrita, oralidade, memória e circulação estabelecem assim pontos entre repertórios e épocas distintas.

O festival arrancou no sábado, no Convento dos Capuchos, com os Sete

Lágrimas e um programa dedicado ao Cancioneiro de Elvas. Segue-se, amanhã, o “Concerto Campestre”, na Igreja de São Pedro da Trafaria, dedicado à música sacra do Barroco ibérico.

No dia 17, em Cacilhas, o grupo Litá apresenta cantos espirituais e canções tradicionais ucranianas dos séculos XVII a XX. A 24, na Costa da Caparica, o Ensemble Allettamento explora a escrita instrumental barroca. O programa termina no dia 31, no Seminário de São Paulo, em Almada, com a Sephardica e repertórios associados à circulação de músicas e pessoas pelas rotas europeias e mediterrâneas.

MÚSICA TRAÇA PERCURSO PELO PATRIMÓNIO

Os espaços escolhidos são mais do que cenários para os concertos. Convento dos Capuchos, Trafaria, Cacilhas, Costa da Caparica e o centro histórico de Almada desenham aquilo que Filipe Fa-

ria define como “uma pequena geografia de Almada”. “Não são apenas espaços de acolhimento: fazem parte da experiência e, em vários casos, estabelecem relações muito diretas com os próprios repertórios”, acrescenta.

A escolha pretende também aproximar o público de espaços que alguns poderão descobrir pela primeira vez. “A música altera temporariamente a nossa perceção do espaço e o espaço altera inevitavelmente a forma como escutamos a música”, afirma o diretor artístico.

Depois da adesão registada em edições anteriores, a organização procura manter esse equilíbrio entre conquistar novos públicos e fazer regressar quem já conhece o festival. Para o futuro, Filipe Faria vê na diversidade patrimonial do concelho e na própria riqueza da Música Antiga espaço para continuar a desenvolver o Sons de Outono. ■

TEXTO DAVID MARCOS

GATEM leva magia de “A Bela e o Monstro” ao Fórum Luísa Todi

Companhia apresenta em Setúbal uma adaptação musical do conhecido conto, pensada para diferentes gerações. A forma como se olha para o outro é a mensagem central do espetáculo.

O **PALCO** do Fórum Municipal Luísa Todi, em Setúbal, recebe esta sexta-feira a estreia de “A Bela e o Monstro”, a nova produção da GATEM – Espelho Mágico. A companhia recupera o conhecido conto numa adaptação musical que, dirigida ao público familiar, procura conquistar tanto às crianças como aos adultos.

Partir de uma história repetidamente levada ao palco e ao ecrã não impediu a companhia de procurar uma leitura própria. Céu Campos, diretora da estrutura, explica ao Semmais que a opção passou por afastar a produção de uma abordagem mais pesada. “Tentámos aligeirar com muita fantasia, muita cor, muita música”, refere, destacando as composições originais de António Carlos Coimbra e o trabalho de Miguel Assis, responsável pela adaptação literária e encenação.

Por detrás da componente visual e musical permanece a mensagem do conto. “A verdadeira beleza está no interior de cada ser humano e não no exterior. A aparência é o de menos. É o interior de cada ser humano, as suas ações e a maneira como está na vida e como está para os outros que interessa”, explica Céu Campos.

A presença das crianças entre o público obriga a cuidados particulares na construção do espetáculo. Para a responsável, existe uma diferença importante entre aquilo que um adulto consegue interpretar para lá do que observa



em palco e a forma mais direta como os mais novos recebem uma mensagem.

“O adulto se vê um espetáculo consegue distinguir. Às vezes há maneiras de passar mensagens em que percebe o que está por trás. A criança não. A criança ouve e vê e temos que lhe explicar muito bem aquilo que queremos transmitir”, sustenta, defendendo que os espetáculos devem contribuir para aprendizagens que possam acompanhar os mais novos nas relações com os outros.

Essa preocupação atravessa também a construção cénica, onde momentos de suspense e tensão são equilibrados com

humor, música e cor. “É um todo que é pensado com muito cuidado”, salienta Céu Campos, para quem “o teatro também tem essa missão de educar de uma maneira única e divertida, mas sobretudo de transmitir valores”.

Depois da estreia em Setúbal, “A Bela e o Monstro” inicia um percurso por outros palcos, com apresentações anunciadas para dia 11, em Braga, e 24, na Moita. A produção deverá continuar em digressão em 2027, num ano para o qual a companhia já tem várias apresentações agendadas. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Artistas nacionais e internacionais de renome no palco do SeixalJazz

O **CONCERTO** de estreia em Portugal da norte-americana Christie Dashiell deu, esta quinta-feira, o mote à 27.ª edição do Festival Internacional SeixalJazz que concentra no Auditório Municipal do Fórum Cultural o programa principal.

Com propostas marcadas pelo encontro entre a tradição do jazz, novas linguagens e diferentes influências artísticas, o evento apresenta artistas nacionais e internacionais de renome. A nigeriana Camilla George sobe ao palco esta sexta-feira e o projeto português Luís Vicente Trio atua no sábado.

Os concertos regressam a 15 de outubro com Hugo Carvalhais, que apresenta “Oblong Emission” e revisita um percurso discográfico iniciado há 16 anos. Jason Moran atua a solo ao piano no dia seguinte, e leva ao Seixal uma carreira marcada pelo diálogo do jazz com outras disciplinas artísticas e por uma forte ligação à história afro-americana.

Para o presidente da autarquia local, Paulo Silva, o festival resultado de um



projeto construído com “continuidade, visão e investimento público”, que tem permitido trazer ao concelho alguns dos principais nomes do jazz nacional e internacional. O autarca destaca ainda o contributo do evento para “democratizar o acesso à cultura e projetar o nome do Seixal muito para além das nossas fronteiras”.

Paulo Silva salienta também o trabalho desenvolvido fora dos dias do festival através do “SeixalJazz Vai à Escola”, projeto que procura dar a conhecer este género musical aos alunos. Na perspetiva do edil, o evento demonstra que “a cultura é um direito de todos, um fator de desenvolvimento e um investimento no futuro das pessoas e dos territórios”.

Fora do programa do auditório, o SeixalJazz Clube regressa à Sociedade Filarmónica Democrática Timbre Seixalense. Num ambiente mais informal e com entrada gratuita, o espaço privilegia projetos nacionais de jazz e música improvisada, com particular atenção a propostas emergentes.

Entre as iniciativas destinadas a aproximar diferentes públicos estão ainda uma Feira do Disco, nos dias 10 e 17, no foyer do Fórum Cultural, e “Do Outro Lado do Som”, mercado para o último dia na Timbre Seixalense. ■

TEXTO DAVID MARCOS

Agenda



“MILHANAS”

Conhecida pela intensidade e autenticidade, a cantora e compositora leva ao Cinema Teatro Joaquim d’Almeida “Algo Mais”, lançado em 2024. Em palco faz-se acompanhar por Manuel Oliveira, João Lencastre, Rodrigo Correia e Marco Reis.

Montijo

10 de outubro, às 21h30



“UMA CASA, DUAS HISTÓRIAS”

Bárbara e Beatriz Matos transportam o público para uma casa que guarda vozes, gestos, silêncios, brincadeiras, sonhos e memórias. Através da dança, o Cineteatro João Mota assiste ao encontro das duas irmãs com o passado e o presente.

Sesimbra

10 de outubro, às 21h30



“O GIGANTE EGOÍSTA”

O Cinema S. Vicente acolhe o espetáculo de teatro infantil da Embuscada – Associação Cultural. A peça conta a história de um gigante, resmungão e opressivo, que espera ser salvo num jardim fechado outrora acarinhado por todas as crianças.

Seixal

11 de outubro, às 11h00



“O ROUXINOL”

Integrado na programação de “Vamos Tocar Histórias”, a obra inspirada no conto de H.C. Andersen sobe ao palco do Fórum Luísa Todi para um concerto narrado que une música ao vivo, ilustração e palavra, numa experiência sensorial para toda a família.

Setúbal

11 de outubro, às 11h00



Em Elvas a História também se escreve à mesa

Quem visita Elvas tem a obrigação de provar a comida local. Rica, diversificada, aromática. Uma contadora de histórias, que nos remete para hábitos de outrora, para os cheiros bravios e frescos do campo.

TEXTO JOSÉ BENTO AMARO

ENTRE OS MUITOS motivos que podem levar pessoas a visitar o concelho de Elvas, a gastronomia é, certamente, um dos mais fortes. Numa mesa casam-se sempre vários fatores: a apresentação, os aromas, a frescura dos alimentos e claro, o paladar. Seja o prato da entrada, o segundo ou a sobremesa.

Escolher um representante da gastronomia de Elvas não é tarefa fácil e, por ventura, não será de total justiça enunciar uma só iguaria. Começemos, no entanto, por aquele cuja história será, porventura, a mais conhecida. O bacalhau dourado, inventado por Jacinta do Carmo Bucho, uma diligente cozinheira da Pousada de Santa Luzia, a primeira de uma conceituada marca criada no país, é um exemplo de simplicidade e de bom gosto. Criado de improviso, para confortar os estômagos de um grupo de políticos que vinha de regresso de uma viagem de trabalho a Espanha, este prato, à base de bacalhau, batata, ovos, azeite, sal, pimenta e azeitonas pretas, é hoje um chamariz irresistível. Os elvenses não o dispensam em ocasião alguma e os vizinhos espanhóis há muito que rumam aos restaurantes da cidade para se deliciarem e conviverem. Sim, porque seguindo a antiga tradição nacional, a boa mesa consola o estômago e reforça a amizade.

A importância do bacalhau dourado, que foi criado em 1947, é tal que tem mesmo direito a um lugar de destaque Centro Interpretativo dedicado ao “fiel amigo”. Este equipamento localiza-se em Lisboa. No entanto, por o prato em questão ter atingido tanta fama em Elvas, foi-lhe atribuída relevância especial. Quem, em Lisboa, ouve falar do bacalhau dourado, não dispensa a viagem à cidade raiana.

O pão branco e fresco, os aromas fortes do alho e dos coentros, o perfume das especiarias, tudo se conjuga para transportar os comensais a muito mais do que uma mera refeição. De facto, conhecer os pratos e os respetivos ingredientes que se consomem em Elvas é como caminhar pelas hortas e campos em redor da cidade, observando o trabalho dos hortelãos e pastores, aprendendo a conhecer os produtos e o seu crescimento, observando os animais e confirmando a base da sua alimentação baseada em produtos naturais. Saber o que se come é, também, conhecer hábitos e pessoas de uma região. A cozinha acompanha o passeio e dá-lhe profundidade: ajuda a compreender a relação com a terra, os costumes e a importância de receber bem.

Em Elvas, como na generalidade do Alentejo, saber ouvir é uma virtude. Um conselho que se dá aos visitantes que ali queiram inteirar-se de costumes, da História e, evidentemente, da gastro-

nomia. Não é, portanto, de desprezar a sugestão que um funcionário de restauração possa fazer. Caminhar ao ritmo dos locais para melhor conhecer e apreender.

SABEDORIA ANTIGA QUE CONTINUA À MESA

Os costumes ancestrais alentejanos encontram na cozinha uma das suas expressões mais vivas. Aproveitar o pão, respeitar os produtos disponíveis e dar sabor com aquilo que a terra oferece são princípios que atravessam o receituário regional. Há uma inteligência prática nestes hábitos: transformar poucos ingredientes numa refeição capaz de alimentar, reconfortar e reunir. Foi assim nos tempos mais difíceis, quando a escassez era muita, e assim continua a ser numa época em que o isolamento e as carências já nada têm a ver com o que se viveu no passado.

A açorda é sinónimo de Alentejo, da sua vivência e do seu conhecimento. A açorda traduz essa sabedoria. Pão, água, azeite, alho e coentros, com o ovo escalfado, bastam para construir um dos sabores mais reconhecíveis da região. A simplicidade exige cuidado: o equilíbrio dos aromas e a qualidade dos ingredientes fazem a diferença. As migas prolongam essa capacidade de dar nova vida ao pão, fazendo dele protagonista de uma cozinha onde o desperdício nunca encontrou grande lugar.

À mesa, estes sabores pedem conversa. Uma receita pode trazer a lembrança de uma avó, de um almoço de família ou de uma ocasião festiva. É nessa transmissão, tantas vezes feita sem medidas escritas, que a gastronomia conserva parte da sua força. Cada geração recebe um saber e acrescenta-lhe a experiência das próprias mãos.

Para quem viaja, provar esta cozinha é aproximar-se desse universo. A paisagem deixa de ser apenas cenário: ganha aroma, textura e uma dimensão humana.

SERICAIA: DOCE DE ELEIÇÃO

Mas a comida que Elvas apresenta não se fica pelo salgado do bacalhau, pelo aroma da açorda ou pelas carnes tenras que acompanham as migas. Elvas tem uma grande tradição na doçaria e, entre esta, destaca-se a sericaia.

Ovos, leite, açúcar, farinha e canela compõem este doce, frequentemente servido com as tradicionais ameixas d’Elvas. A preparação destas ameixas, a partir da variedade Rainha Cláudia, integra também o património gastronómico local.

À primeira colher, a canela anuncia-se; depois surge a suavidade do doce, acompanhada pela intensidade da ameixa e da sua calda. O contraste convida a saborear devagar. É uma sobremesa com presença, capaz de fechar uma refeição e, ao mesmo tempo, criar vontade de voltar.

As origens da sericaia admitem diferentes interpretações. A própria informação municipal reconhece essa incerteza, entre a associação à doçaria conventual e a hipótese de uma ligação a Malaca. Mais segura é a sua ligação à identidade elvenses: a sericaia conquistou um lugar duradouro nas mesas e no imaginário da cidade.

A oferta gastronómica permite construir vários percursos. Seguindo o município, o concelho dispõe de mais de uma centena de restaurantes, com propostas variadas. Além das especialidades mais conhecidas, a mesa elvenses inclui ainda sopas, pratos de porco, borrego e vitela, bem como peixe e marisco.

Esta diversidade permite regressar sem repetir a experiência. Um almoço pode privilegiar o receituário alentejano; outro, explorar sabores diferentes. Há espaço para uma refeição em família, para uma pausa durante o passeio ou para um jantar demorado que prolongue o dia.

A vasta variedade gastronómica é, de resto, realçada pelo presidente da câmara, Rondão Almeida. “A gastronomia é uma parte essencial da identidade de Elvas. Em cada receita encontramos saberes transmitidos entre gerações e o trabalho de quem continua a preservar os nossos sabores. Queremos que os visitantes conheçam essa riqueza e encontrem à nossa mesa mais uma razão para regressar, diz”

“Venham descobrir Elvas, percorrer a nossa cidade e desfrutar da hospitalidade que temos para oferecer. Sentem-se à mesa, provem o bacalhau dourado, saboreiem a sericaia e conheçam as muitas propostas da nossa restauração. Será um gosto receber-vos e partilhar convosco os sabores da nossa terra”, desafia o autarca, lembrando que “quando a sobremesa termina, talvez ainda haja tempo para mais uma volta. A cidade continua à espera”. ■



ARTUR VAZ
ESCRITOR

E.U.A. - RÚSSIA - ISRAEL TRIUNVIRATO NUM PROFUNDO ABISMO

A diferença entre o que Donald Trump diz e a realidade de tornar a América grande é muito acentuada. Aquilo que apresentou ao seu eleitorado como o principal objectivo da sua presidência corre o risco de se tornar o símbolo do seu enorme fracasso.

Infelizmente, o que prometeu ao americano não tem sido sedimentado, pois a realidade da sua presidência deixará o país exausto e a perder parte da sua liderança em relação às restantes maiores potências, nomeadamente à China.

Donald Trump tornará os Estados Unidos da América num país mais enfraquecido e deixará o mundo em muito pior estado.

Senão vejamos: tudo o que desejou ser - um construtor da paz no mundo - cai por terra devido aos conflitos por si criados na guerra da Rússia com a Ucrânia, na Venezuela e no Irão, cujo regime dito “democrático”, que ele pretendia instituir, ceifou a vida de milhares de pessoas.

A sua ambição repressiva sem limites, juntamente com Vladimir Putin e Benjamin Netanyahu, faz destes políticos o triunvirato exterminador da Humanidade após a Segunda Guerra Mundial.

São amplamente consideradas as suas atitudes ilegais, exercendo tábua rasa sobre a autodeterminação dos povos e o não cumprimento do direito internacional.

O ser humano tem a capacidade de nos surpreender todos os dias: ora porque é capaz de alcançar avanços extraordinários, outrora considerados inimagináveis; ora porque insiste em repetir erros que julgamos ultrapassados.

Digamos que possui a característica de ser tudo e, simultaneamente, o seu contrário.

Sem pretender entrar no uso da inteligência artificial, é bem notório tanto o avanço para o bem da Humanidade como o retrocesso na sua destruição, acabando por matá-la.

E é aqui que, em minha opinião, reside uma das maiores hipocrisias do nosso século.

Que valor atribuem Trump, Putin e Netanyahu à vida humana enquanto ela existe?

Porque o avanço da Humanidade nunca será alcançado enquanto não cessarem as guerras, os ódios e, acima de tudo, enquanto o Homem não se respeitar a si próprio e aos outros, independentemente de crenças, ideologias e religiões.

EDITORIAL
RAUL TAVARES
DIRETOR

Dois planos para a mesma região?

A criação da Comunidade Intermunicipal da Península de Setúbal trouxe uma nova realidade institucional ao território. Pela primeira vez, os nove municípios da Península dispõem de uma estrutura comum com responsabilidades próprias na definição de políticas e estratégias intermunicipais. É, por isso, natural que a CIMPS queira ter o seu Plano Estratégico.

A questão é saber como se articula esse documento com o PEDEPES 2035, promovido pela AMRS e entretanto apresentado como uma estratégia para a região.

E já que a situação é esta, o problema não é existirem dois instrumentos, é não estar definida a relação entre ambos.

Não se trata de discutir a legitimidade de um ou de outro. Ambos podem ter utilidade e ambos resultam de processos que envolveram municípios e outros agentes do território. O problema surge quando dois instrumentos, com áreas geográficas em larga medida coincidentes e preocupações semelhantes, procuram definir prioridades estratégicas para a nossa região sem que seja evidente quem faz o quê e, sobretudo, como se relacionam.

Para mim a questão é simples. Seria mais adequado a CIMPS liderar esta transformação territorial, com base num plano estratégico abrangente e unificador. Mas parece não ser assim...

Assim sendo, só nos resta aproveitar e potenciar ‘a coisa feita’.

A sobreposição é evidente. Competitividade, mobilidade, ambiente, coesão territorial, infraestruturas, qualificação, inovação ou fundos europeus estarão necessariamente presentes nos dois documentos. Se cada um produzir o seu diagnóstico, estabelecer as suas prioridades e identificar os seus projetos, correremos o risco de ter duas agendas regionais quando aquilo de que a Península mais precisa é de uma agenda comum.

Mas talvez seja possível transformar esta aparente contradição numa oportunidade.

Já que existe, o PEDEPES pode assumir o papel de visão estratégica mais abrangente, de reflexão e concertação regional, até porque a sua escala ultrapassa a própria Península e envolve o Alentejo Litoral. A CIMPS, por sua vez, deverá transformar essa visão em estratégia intermunicipal, prioridades concretas, projetos, financiamento e capacidade de execução nos nove municípios.

Em vez de competirem, os dois instrumentos poderiam complementar-se: o PEDEPES ajudar a definir o “onde queremos chegar”; o plano da CIMPS estabelecer “como vamos lá chegar”.

Para isso, será necessária uma articulação institucional verdadeira entre CIMPS e AMRS. E talvez seja esta uma das primeiras grandes provas da nova realidade intermunicipal: perceber se a região consegue ultrapassar a lógica de cada entidade produzir o seu próprio documento para passar a construir uma única estratégia regional, ainda que expressa em instrumentos diferentes.

Porque mais importante do que ter dois planos estratégicos é ter uma estratégia que todos reconheçam como sua.



CARLOS CARDOSO
GESTOR

ENTRE A LEI E A IMPUNIDADE POLÍTICA

Não é um problema de um ministro, de um governo ou de um partido. É um problema de cultura política. Uma cultura que se foi instalando ao longo de décadas e que parece assentar numa convicção perigosa, há sempre uma exceção, uma interpretação ou uma desculpa para quem ocupa cargos públicos.

Entretanto, ao cidadão comum exige-se tudo. Que pague os impostos a horas, que cumpra prazos, que respeite regulamentos, que suporte multas, juros e coimas sempre que falha. O Estado é rápido a sancionar quem não cumpre. Mas quando é o próprio Estado ou os ministros a falhar, pede-se compreensão, contexto e bom senso.

É precisamente aqui que começa a erosão da democracia.

A democracia não vive apenas de eleições. Vive da confiança dos cidadãos nas instituições. Vive da convicção de que ninguém está acima da lei e de que quem exerce funções públicas é o primeiro a dar o exemplo. Quando essa convicção desaparece, não é apenas a credibilidade de um governo que fica em causa. É a própria qualidade da democracia.

Talvez o maior perigo que hoje enfrentamos não seja económico nem financeiro. É moral. É o sentimento crescente de que as regras deixaram de ser iguais para todos. De que existem portugueses de primeira e portugueses

de segunda. Os que respondem pelos seus atos e os que encontram sempre uma explicação para os seus.

É precisamente este tipo de mediocridade política que vai desgastando a democracia por dentro. Não através de um golpe de Estado ou de uma rotura institucional, mas pela lenta destruição da confiança pública. Quando os cidadãos deixam de acreditar na palavra dos governantes e na imparcialidade das instituições, abre-se espaço ao descrédito, ao populismo e aos extremismos. A História mostra-nos que as democracias raramente morrem de um dia para o outro, enfraquecem lentamente quando deixam de ser um exemplo para quem representam.

Portugal celebra pouco mais de cinquenta anos de democracia. É uma conquista que merece ser preservada. Mas preservar a democracia exige muito mais do que discursos comemorativos. Exige governantes com sentido de Estado, integridade e capacidade para assumir responsabilidades quando erram.

Porque um Estado que não consegue exigir a si próprio o respeito pelas regras perde, inevitavelmente, a autoridade moral para exigir esse mesmo respeito aos seus cidadãos. E quando isso acontece, não é apenas a confiança que fica em causa. É a própria democracia que começa, silenciosamente, a perder o respeito daqueles que deveria servir.

semmais / Ficha Técnica

Diretor **Raul Tavares** / Redação, **Anabela Ventura, António Luís, Cristina Martins, David Marcos, José Bento Amaro** / Coordenação Comercial **Cristina Almeida** / Direção de arte **Pedro Frade** / Design e paginação **Arlinda Correia** / Serviços Administrativos e Financeiros **Mila Oliveira** / Distribuição VASP e Maiscom, Lda / Propriedade e Editor **Maiscom Edição e Publicações, Unipessoal, Lda**; NIPC 513 409 246 / Capital Social **Raul Manuel Tavares Pereira** (100%) / Redação Largo José Joaquim Cabecinha nº8-D, (traseiras da Av. Bento Jesus Caração) 2910-564 Setúbal. E-mail: publicidade.semmais@mediasado.pt; Semmaisjornal@gmail.com / Telefone: 93 53 88 102 / Impressão Empresa Gráfica LUSOIBÉRIA, Av. da República, nº 6, 1050-191 Lisboa / Tiragem 20.000 (média semanal) / Reg. ICS: 123090. Depósito Legal; 123227/98 / **semmais.pt** / **f** /jornalsemmais

VISITE ELVAS

PATRIMÓNIO MUNDIAL



www.cm-elvas.pt